

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 14 de Abril de 1932

5

5 TOES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

308



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

DR. JOAQUIM DE CARVALHO



A forte tèmpera dos homens de 1820 numa franzina figura de hoje. Excede, em muito, o maximo da craveira moral e mental dos nossos dias. Com mais meia duzia de semelhante valor, o mundo seria impecavelmente perfeito.



Os ditos da semana



R. 24 de Julho Porque se pensou, na Camara Municipal, em substituir o nome da Rua 24 de Julho pelo do Condestavel, o sr. General Pereira Bastos, escreveu uma carta ao «Diario de Noticias» protestando contra tão peregrina ideia.

Não sabemos se a Camara Municipal tem algumas razões de queixa do dia 24 de julho; temos, porém, a certeza de que o sr. General Pereira Bastos, não quer mal algum a Nuno Alvarez Pereira que era tão Pereira e tão general como ele. Seja como for, a substituição aliana-se nos um descalço.

Nun Alvares, que já tem um lugar nos altares e, de ha muito, tinha um altar em cada coração de portuguez, não precisa de empurrar ninguém para se pôr num sitio em que todos o vejam. Nun Alvares merece uma rua. Não é de mais que se dê uma Avenida a quem tantas Ruas e Avenidas restituiu a Portugal. Mas já que lhe não podemos dar uma rua do seu tempo, porque todos estão ha muito batisadas, destinem-lhe uma nova artéria das muitas que a Camara Municipal anuncia para breve.

Uma artéria com estatuto de túio.

Mas Nun Alvares e uma figura da idade media e os mortos não metem medo. Se Nun Alvares pudesse hoje repetir o gesto citado pelo sr. General Pereira Bastos, atirando uma seta do Carmo para o Rocio, estamos certos de que outra direcção lhe daria - do Carmo para o Pelourinho. E Nun Alvares tinha boa pontaria. Assim a tenha tido o nosso general.

Em todo o caso, angustiamos mal disto e recordamos aqui uma passagem do celebre relatorio de Mousinho de Albuquerque. Conta ele que tendo regressado a Moçambique, com todas as promessas de que o governo central lhe não emperraria a sua acção de governador, apenas lá chegou, começou a sentir as peias da metropole, Repontou e veio a Lisboa. Porque lhe tinham medo, deram-lhe todas as satisfações e novas promessas lhe fizeram de não se meterem com ele. Ele faria o que quizesse e como quizesse. A metropole pôr-se-hia de cócoras diante dele.

Mousinho voltou a Moçambique, mas apenas lá chegou recommçaram os empecilhos, as peias porque Mousinho estava longe.

O comentario dele, citado

de côr, porque nos falta o relatorio, é mais ou menos assim:

- Não estranho o facto, tão acostumado estou a vergar os caniços dos pantanos que me impedem a passagem, mas, porque os vergo para passar, apenas eles que me apanham pelas costas, caem sobre mim vergastando-me.

Ora o 21 de Julho está já tão longe tambem...

Um invento Aquele invento por tuguez de ineslimavel valor economico destinado a descascar bananas vai revolucionar o mundo.

Quem nos dera a nós, pobres mortais, que toda a vida descascamos a banana a mão

ter tido a felicidade de fazer aquela descoberta.

Com a banana descascada mecanicamente prosperam as colonias mas extingue-se a raça dos macacos. Até agora o macaco não se preocupava com os meios de subsistencia. Quando lhe chegava a tome subia á bananeira e atirava-se á banana que nunca lhe faltava, porque a humanidade não era capaz de consumir toda a banana que a terra produzia. O homem comia muita, mas como o descasque levava muito tempo, a certa altura desistia e a banana lá ficava para os macacos. Agora, porém, que, quanta banana aparece quanta se descasca - e banana descascada é banana comida - começa a crise para a macacaria.

Milagres... Dizem os jornais que vai ser beatificada uma creança de onze anos, por se terem produzido alguns milagres depois da sua morte.

Esta é de primeira ordem. A creança não fez milagres em vida o que, parece, devia bastar para que ser considerada uma creança como outra qualquer, mas, assim que morreu, os milagres começaram a produzir-se, o que parece provar que era justamente a creança que impedia que os milagres se realizassem. Pois agora vão beatificá-la. Não se comprehende. Ainda se comprehenderia que nos beatificassem a nós, que ainda por ca andamos e somos muito capazes de fazer milagres, e aguentamos com todos os martirios, como... este de ter de gramar coisas destas.

DR. DUARTE LEITE



Americo Vesputio, Phazon, Hojeda, Diogo de Lopo, foram destracados pela pena acutilante e erudita do Dr. Duarte Leite. Cleza, logica, sciencia, no seu novo livro "Os descobridores do Brazil" Pedro Alvares Cabral encarrega-nos de saudar o grande investigador.

na Terra Nova Esta é na Terra Nova e e nova na terra. Uma multidão postou-se deante do Parlamento protestando contra o ministro Squires que havia praticado determinadas irregularidades. Vendo-se perseguido fugiu e a multidão, impossibilitada de o apanhar, apanhou as bebidas alcoolicas do deposito governamental. Como ia com sede de vingança bebeu as bebidas e, em seguida, deitou em perseguição de Squires absolutamente embriagada de entusiasmo.

Por fim tudo se resolveu em bem. A Squires, dera a demissão e a multidão deram café com amoniaco.



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	24\$00

N. B. - O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NO teatro Nacional terminou já o *Ciclone*.

Não admira. Chegou a primavera...

■ ■ ■

ANUNCIA-SE para breve a *reprise* duma comédia genero livre, intitulada *O Sempre Casto*, e que aqui ha muitos annos obteve em Lisboa um grande exito.

AQUI está um filão a explorar. A semana passada, representou-se em Lisboa um original português que não agradou.

Mas estamos convencidos de que, se nos cartazes tem dito que era «genero livre» e se lhe mudam o titulo para *O Sempre Casto*, o exito era completo...

■ ■ ■

NO teatro Nacional estreou-se uma peça intitulada *A Dançarina Vermelha*.

Será aquella bailarina que esteve no Coliseu, no campeonato de danças?

■ ■ ■

NO Parque Mayer, os negocios teatraes andam outra vez mexidos. E, em plena primavera, o teatro, Maria Vitoria, porventura o

teatro mais popular de Lisboa, está fechado.

Fala-se, é certo, n' *A Senhora da Saude*, mas talvez que a *saude* já venha tarde...

■ ■ ■

NA festa de Erico Braga, anuncia-se um amator que vai fazer imitações de Adelina Abranches, de Amelia Rey Colaço, de Alves da Cunha, do festejado, etc.

Um amator a fazer imitações daqueles artistas?

Se calhar, é *travesti*.

■ ■ ■

ALVES da Cunha tambem vai a Africa.

Tomaram-lhe o gosto... A Hortense abriu o caminho.

No entanto, tomamos a liberdade de aconselhar o Alves da Cunha, para que o seu agrado seja completo, a meter nos dramas do seu repertorio uns numerosinhos de musica, como pretexto para apresentar umas lindas coristas...

■ ■ ■

O teatro da Trindade anunciou, durante quatro dias, a *reprise* de uma comédia de grande exito na-

quele teatro, com esta forma de réclame:

«O *Aldrabão* a preços reduzidos.»

Como o teatro está!...

Até o *Aldrabão* — e os *aldrabões* foram sempre altamente cotados em teatro — já vai a «preços reduzidos»!...

■ ■ ■

JOSÉ Climaco está reorganizando a sua companhia, para estrear brevemente no teatro Avenida, com a revista *Dia de Romarias*.

Não sabemos o que é a revista, mas não nos importavamos nada apostar em como o primeiro quadro da peça é dramático e passa-se no campo...

■ ■ ■

NA revista *Pim! Pam! Pum!*, a entrada do *comperre* «Zé Viroscoas» é um pouco original.

O *comperre* sai dum cartaz e, como é o Carlos Leal que o desempenha, diz:

— Em cada cartaz, cada revista, e em cada revista o Carlos Leal...

Agora, o Carlos Leal vai para o Brasil e será substituido pelo Alvaro Pereira.

Uma pergunta para satisfazer a nossa curiosidade:

— O que dirá o Alvaro Pereira, ao entrar em cena?

■ ■ ■

DIZ o Joaquim Prata que vale mais um «Variedades» na mão que um «Politeama» abotoado! E não foi no trespassado...

■ ■ ■

A direcção do Gremio dos Artistas Teatraes vai colocar na sala das sessões a seguinte lapide: *Para el arte no hay fronteras*.

E a Zulmira vai emoldurar condecoradamente, como recordação de solidariedade, o carinhoso officio que recebeu...

■ ■ ■

A moreninha Maria Helena, por um triz, tambem se vacinava...

■ ■ ■

ACONSELHARAM a empresa a fechar a sete chaves, na cabine, o Carlos Leal, logo que ele chegue a bordo do «Arlanza».

■ ■ ■

O Zé Climaco modificou por completo a opinião que formára após a sua saída do teatro Republica, do Rio de Janeiro. Antes assim.

HOMEM DE TODAS AS HORAS.



Uma folha do calendario do «Fixe»
— Em Abril, aguas mil...



— De que vive a senhora Miquelina?
— De paciencia. E' a esmola que se dá hoje em dia...

D. Violante e o Ventura

Foi numa sala, forrada de papelinho cor de rosa e gostosamente mobilada em estilo seculo XXXI, mais conhecido por futurista, que eu tive a alegria, ao cabo de tomar conhecimento com a D. Violante, senhora muito prendada, pois recebia varias prendas, espirito muito bem semeado sempre pronto a dar o seu fruto, sendo na arte de pintura muito admirada pelo Borges, por varias familias de respeito e emfim no meio da sua rua.

O Ventura, amigo dela e meu colega antigo de liceu, foi quem se aproximou da gentil senhora, que logo se mostrou cheia de afabilidade familiar, participando-me a sua proxima exposiçao de pintura, baseada na Escola Sanatorial do Seculo XX, e que se realizaria muito brevemente no salão da Liga, tendo eu tido occasião de mais uma vez ver que a Liga é e será sempre o ponto predilecto onde todas as damas de bom gosto põem a sua nervosa arte.

Como já disse, o Ventura era seu intimo amigo, confessado por D. Violante a todos os pontos da rua dos Bacalhoeiros, dando-lhe ele em troca mil e uma gentilezas, prestando-se assim a ser uma segunda edição do personagem Miguel da dita e conhecida cançoneta, pois que em apertos lá estava sempre fixe, sempre atento.

Porém, D. Violante, em compensação, considerava-o muito, dizia ela, e assim é que, proximo a qualquer momento digno de nota, chamava sempre o Ventura.

Deu-se a exposiçao na Liga, combinando-se no outro dia festa rija em casa de D. Violante, que — diziam varias pequenas — era um canhão, com o que o Ventura concordava lá com os seus botões, sendo-lhe unicamente agradavel por espirito de amizade ou por ser um grande trouxa, como dizia a criada, que era bem boa.

No immediato e ditoso dia dessa festa, para comemorar o successo da exposiçao, falaram todos os jornais... no conflito chinês, no «Al Capone», etc., e, dançando-se e tocando-se, foi servido um jantar de feijão branco com hortaliça ás familias de respeito, ao Borges, emfim, a todos os presentes.

Já estavam todos na mesa e unicamente o Ventura não tinha lugar, quando D. Violante, que tinha pelo amigo grande consideração, se ergue da mesa e diz para os convidados:

— Eu considero muito o Ventura, meus amigos. Tenho por ele grande amizade e não faço ceremonias. Portanto, janta noutro lugar. Não se incomodem.

E chamando a criada Lita:
— O' Lita, sirva ao senhor Ventura o jantar no W. C.
— ?!...

ARMANDO MARIANO.



O pai: — Ah, seu maroto! Quem é que lhe deu licença para sair á rua?...

Cronica médica

Na Consulta Externa, uma doente chamada Rosa refere, na sua linguagem expressiva, queixas de aerocolia ruidosa. Oito dias depois, a B. anunciava assim a doente:
— Sr. doutor! Está lá fóra a Rosa cos ventos!

Esta manhã, quando o C. Nery estava a dar lume ao E. Roma, a braza do cigarro desprendeuse e foi queimar o segundo. O M. G., que ia passando, comentou:
— Mais uma vez Nery delta fogo a Roma!

Eu, que tenho um profundo desprezo intelectual pelas mulheres, só abro uma excepção para Madame Bréca, que descreveu, pela primeira vez, as fórmas larvadas ser excessivo neste entusiasmo: todos nós conhecemos «as fórmas da desinteria ambiana. Creio não larvadas da Bréca».

O cinema entra no capitulo das obsessões que tão vivamente, nestes ultimos tempos, tem interessado os psiquiatras. Até mesmo os estudantes de medicina, que deviam saber que a vida não é uma fita, não escapam á sua influencia imbecil. E estão de tal modo impregnados de *estrelas, vedetas, azes*, ou o quer que é, que na Anatomia falam no fundo de sacco de Douglas Fairbanks, na Histologia no Ramon Navarro em vez do Ramon y Cajal, na Farmacologia no xarope de Gilbert, em Parasitologia na filaria de George Bancroft, e na Neurologia ligam a noção mutilada da histeria — ao nome imortal de Charcot? Não! Ao palhacismo genial de Charlot. E ainda no outro dia se passou isto num exame com o J. C.:

— O senhor nem sequer abriu o livro da minha cadeira!
— Creia v. ex. que me agarrei ao Brooks.

— Mas que sabe o senhor de Ginecologia?
— Conheço a Greta.

A proposito de *stars*, ofereço esta entrevista inedita aos cinefilos. Passa-se com Lya de Putti, um ano antes da sua morte lamentavel.

— V. ex. é casada?
— Não! Infelizmente não posso ter filhos.

Pausa. Depois, lamentando a predestinação da sua descendencia:

— Todos diriam, apontando-os: os filhos de Putti!

— Renuncia portanto, a pôr o ponto sobre o *i* do verbo *aimer*?

Ela, revelando a maxima desforra num sorriso malicioso:

— Faço *Variedades* com o Jennings...

Um medico portuense, como visse a lues no fundo de todas as doenças, servindo-lhes de base etiologica, escreveu a sua inapreciada tese: *Pansiflis*. O M. G., como presente em todo o individuo um pulha está redigindo a sua dissertação: *Pampulha*.

Raposo o velho Raposo, em cujas barbas tem ficado muita pergunta sem resposta, atirou esta a um examinando de Farmacologia:

— O que acontece a quem o senhor dá um litro de oleo de ricino?

O rapaz, que folheia menos o Meyer que o Mussolini:

— Ficava convertido ao fascismo...

Em M. 1 A. estava um homem com uma orquite bilateral, tão digna de ver-se pelas suas características especiais, que o M. G., *gourmet* de casos medicos, foi de opinião que eram «bolsas para estudo».

JOSÉ MAGRO.

As justas consagrações



Os mestres Sousa Pinto e Artur Loureiro — Nas palminhas...



— Sabes? O alfaiate veio com a conta e eu disse-lhe que tinhas ido para a China e que hoje não voltavas tão cedo para casa...

Elevador da Gloria

No baile:
Ela: — Não danço mais consigo! Pisou-me duas vezes seguidas no pé direito!

Ele: — Ah, sim!... Julgava que a primeira vez tivesse sido no esquerdo...

No atelier do artista:
O negociante: — O que faz você aos quadros que pinta?

O pintor: — Vendo-os!

O negociante: — Ah, sim? Pois, então, diga-me quais as condições em que trabalharia sob as minhas ordens. Ha anos que estou procurando um vendedor como o senhor, sem o encontrar...

Entre amigas:
— Sou muito desgraçada! Meu marido passou ontem a noite fóra de casa, sem que eu saiba onde!

— Não te queixes! Se o soubesses, serias, provavelmente, duas vezes desgraçada...

Antunes: — O que fazias tu se casasses com uma mulher rica?
Rodrigues: — Nada!

Relações extra-domesticas:
Ela: — Tenho um sinal na perna. Exactamente no mesmo sitio que tua mulher!

O galanteador: — Como sabes tu isso?

Ela: — Porque m'o disse o teu amigo Henrique!...

Ela: — Tão joven... e sem noiva! E' incrível!

Ele: — E' que eu sou muito timido, minha senhora... e além disso casado...

No jardim:
Ela: — E's tu o primeiro que me beijas...

Ele: — Querida!

Ela: — ... debaixo destr' arvore!...

Na pensão:
O hospede: — Este mês não posso pagar o quarto!

A patroa: — Mas isso mesmo disse o senhor o mês passado!

O hospede: — E não cumpri a minha palavra?...

A' mesa do jogo:
Um parceiro: — Estava a fazer batota! Acabo de vêr!

O outro parceiro: — Eu a fazer batota?! Como, se não sei jogar?!



—Hoje, são os anos da minha mulher e não sei o que lhe hei de dar.

—Não lhe dê nada!
—Mas que boa ideia; dessa não me tinha eu lembrado...

Graça dos outros

Numa festa de caridade:

Ela: — É preciso que voce nos dê alguma coisa para os desempregados!

Ele: — Dez escudos!

Ela: — Muito obrigada. O nome das pessoas que dão donativos sairá nos jornais!

Ele: — Então, dou cem!

* * *

— Já tiveste mais dum duelo?

— Quasi! Recebi mais duma vez as testemunhas!

* * *

O director: — De que são estas horas extraordinárias que o senhor pretende receber?

O empregado: — Referem-se ao dia em que v. ex. me convidou para jantar...

* * *

Uma das visitas para o menino da casa: — Mas tu já estás um homensinho! Ajudas muito a tua mamã?

— Muito! Sou eu que contos os talheres quando as visitas saem!...

* * *

Desportos na neve:

Ela: — O seu marido ficou em Lisboa?

Ela: — Sim, estamos um pouco frios!

* * *

Na rua:

Ela, que está farto de a esperar: — Estou aqui ha uma hora passeando como um imbecil!

Ela, tranquilamente: — Que culpa tenho eu que passees dessa maneira?...

* * *

A' mesa:

— Que tal achas esta pinga? Disto ainda não provaste?

— Parece-me que sim!

— Onde?

— Na salada!...

* * *

Entrando em casa:

A criada: — Bons dias, patrão!

Ela: — Você é a criada que minha mulher despediu ontem, a que entrou esta manhã ou aquela que a vem substituir?...

* * *

João: — Não ha nada mais triste do que vêr-se a gente obrigada a pedir dinheiro a um amigo!

Antonio: — O pior é uma pessoa não o poder emprestar, como agora me sucedel...

Um inquerito

Se Portugal concorresse ao premio Nabel, quem devia ser o candidato?

Tendo corrido a noticia de que o nosso país concorria este ano ao celebre premio Nabel, instituido pelo benemerito De Nabo, barão americano que aqui ha anos morreu de morte artificial, o *Sempre Fize* resolveu inquirir, por intermedio dum dos seus redactores, qual devia ser o candidato português. Para tal nos dirigimos a alguns dos mais prestigiosos homens da politica, das artes, das letras e das trêtas da nossa praça, os quais gentilmente nos forneceram as autorizadas opiniões que em seguida damos á leitura dos nossos leitores:

— Voto no sr. comendador Ribeiro de Carvalho. É o maior «cu» de Portugal!...

Fernando de Sousa.

— O meu voto é para Antonio Ferro, para o compensar do estanderete que ele agora vai dar...

Correia da Costa.

— Já que não posso votar em mim, e como *A Severa* não tem sangue azul, nem cabelos, nem mãos, nem roupas, nem gestos, nem sentimentos dourados, voto em Madame X., que é uma preciosa madame que eu conheci quando ainda não estava no *Conservatorio*...

Julio Dantas.

— Isso de nabos deve ser com a mulher do lugar ali da esquina...

Um polleia

— O meu voto?... Como o Abilio se foi embora, tenho que esperar que venha outro...

Ester Leão.

— Eu julgo que o candidato português deve ser o sr. conselheiro Fernando de Sousa. Para que toda a gente saiba que, se Deus é de todo o mundo, o Demo é de Portugal!...

Ribeiro de Carvalho.

— Voto no escritor nacionalista sr. João Ameal, que, pelo menos a avaliar pela sua prosa, está quasi sempre em Paris... Se o juri dê o premio ao sr. Ameal, fica com certeza a miar por mais...

Um nacionalista.

— Como sou feminista, voto na «peixeira que mora na minha rua»...

Tom.

— Eu dou o voto, e dou mesmo muito mais, ao meu Alfredinho...

Uma corista do Parque Mayer.

— Eu, meu senhor, como não quero azares, deito a minha lista em branco, absolutamente em branco...

Uma velha beata.

— Eu cá voto no Erico. Com o premio Nabel, ficava mesmo um cabeça de nabo...

Uma elegante do Chiado.

— Dou o meu voto a um amigo meu, cujo nome não vem agora para aqui...

Antonio Bôlo.

Aqui teem os leitores opiniões das mais variadas, e todas elas dignas de muito estudo e ponderação. Alguns nomes ha ainda, todavia, que os nossos illustres inquiridos lamentavelmente esqueceram. Por isso o jornalista pede licença para, a quem de direito, apontar tambem: o matematico e economista Antonio Cabreira, socio de todas as Academias deste mundo e do outro, auto-comemorador duma obra que só se vê atrav. dum *astro-lábia*...; o *catalenico* Alfredo Pimenta, que possui as luvas mais amarelas de Lisboa, e o fogoso poeta Ferreira, mundialmente conhecido pelo poeta Sevilha...

JOTA EME.



— Toda tola, porque o noivo é aluno das Belas Artes! Pois o meu já pinta a valer ha muito tempo e eu não faço grande alarde d'isso!

A crise

O Evaristo andava ha muito tempo a procura de emprego. Tinha-se oferecido para tudo: para banqueiro para limpa-chaminés, para empregado do Rei das Meias, para ama de leite. Aguardava em vão um daqueles momentos felizes da vida portuguesa em que pudesse facilmente propôr-se para heroi. E nada! E o Evaristo começava já a desanimar.

Que diabo! Não era á falta de procurar! O procurar emprego era até mesmo já, para si, um trabalho que lhe occupava razoavelmente todos os dias uteis. O pior é que nada rendia, e o Evaristo assim não se governava! Era, pois, absolutamente necessario agir com prontidão.

Tinham acabado de soar, num relógio longinquo, as doze badaladas da meia noite, e o nosso Evaristo, triste e desalentado, passeava vagarosamente na ponte da Trafaria. Que faria, naquele ponto á aquella hora, o infeliz Evaristo? Que estranha ideia o levaria para ali, a passear, como um automato, medindo as táboas da ponte, em passos lentos, compassados, enervantes? Talvez a ancia de encontrar um sitio isolado e por isso mesmo propicio á meditação e ao recolhimento... Talvez a ideia lúgubre dum suicidio...

Subitamente foi o nosso homem alarmado pelo ruido dum corpo que caíra violentamente na agua. E pareceu-lhe vêr, na penumbra da noite, um vulto que fugia, revelando-se criminosamente como autor do nefando atentado.

Correu léto o nosso Evaristo ao local do sinistro. E, quando se abaixava, procurando vêr a vitima que, gritando, se debatia com as ondas, viu no chão, identificando o agredido, um chapéu de guarda-freio dos electricos, que apanhou. O Evaristo olhou mais uma vez na direcção da agua. O candidato a afogado, perdidas as forças, já nem gritava nem se debatia com as ondas. Estava, m sumo, como se se tivesse dito, um homem liquidado!

Então, por entre a natural compaixão que o facto lhe despertou, uma ideia surgiu no espirito do Evaristo. Afastou-se apressadamente do local e foi procurar a pacata terra local onde pudesse passar uma noite com relativa comodidade e economia.

Não conseguiu, porém, pregar olho toda a noite. E no dia seguinte, quando se abriam os escriptorios da Companhia Carris, o Evaristo apresentou-se a pedir um emprego.

— Impossivel! — responderam-lhe. — Não ha presentemente nenhuma vaga.

E o Evaristo, recordando a vaga que envolvera o corpo do infeliz guarda-freio e exibindo o chapéu do falecido contou a historia da vespera e pediu que o admittissem naquele lugar.

— Impossivel! — tornaram a dizer-lhe. — Essa vaga já está preenchida!

— Preenchida? — interrogou, pasmado, o Evaristo.

Ainda dessa vez, o nosso infeliz amigo teve tão pouca sorte que o cavalheiro que tinha empurrado o guarda-freio conseguira chegar primeiro que ele e já estava empregado!

LABINA.

O Zéquinha tinha o mau habito de roer as unhas. Os pais, para o amedrontar, disseram-lhe que, continuando assim, ficaria com um ventre enorme.

Pouco depois, num *electrico*, ficou o garoto *vis-a-vis* com uma senhora que estava no seu estado interessante. O Zéquinha olhou-a com tal persistencia que a dama não se conteve e perguntou-lhe:

— Tu conheces-me, garoto?
— Não, senhora... Não a conheço, mas sei muito bem o que você fez...

Julgamento do marreco

O julgamento dá-nos, as vezes, temas excelentes para desenvolver uma lãca de humorismo.

Eu ando sempre de natiz no ar, procurando assunto, coordenando ideias, a fim de dar ao leitor o produto da minha maquinação.

Ando ás vezes tão abstrato que é vulgar caminhar, sem dar por isso, em cima dos calos de qualquer passageiro transeunte, que logo em seguida me atira á queimadura alguns adjectivos improprios para consumo.

O julgamento a que assisti foi um belo tema para esta curta narração.

Entrei na sala das audiencias, sentando-me num dos bancos *fauteuils* que abundam na Boa-Hora, *esses fauteuils* soberbos que nos obrigam a levar uma almofada de casa, a fim de evitar partir alguns ossos do nosso precioso *osculo*.

O *deputado* em *sentença*, estava sendo julgado um marreco! Sapateiro de profissão, acusado de ter fido o *crápulo* dum rapazinho de 17 annos, com a pedra do officio.

A assistência assistia impávida e serena ao desfecho deste julgamento.

O juiz dirigindo-se ao réu disse-lhe:

—Qual a razão que o levou a agredir o queixoso com a pedra de sapateiro?

—Saiba o sr. juiz que esse cavalheiro, todas as manhãs que passava para o trabalho, provocava-me com uma infinidade de improperios que faziam cegar as pedras da calcada.

—Mas que nomes lhe chamava ele?

—Não devo aqui dizê-lo, sr. juiz!

—Aqui não se culta nada!

—Mas estão aqui senhoras e não devo repetir as asneiras. Chamava-se «Marreco da Serra de Monsanto», «Quasi-modo» e outras coisas mais que fazem perder a paciencia ao mais santo.

—E você nunca ouviu dizer que homem honrado não tem ouvidos?

—Tenho ouvido, sim, senhor, mas o mim que me deram ouvidos é para ouvir.

—Não estou satisfeito com as suas declarações. Pode sentar-se.

E o juiz tranquillamente, deu a palavra ao advogado da defesa do réu. Aquele levantou-se, desfolhou o processo e proferiu:

—Merecissimo juiz, sr. delegado, meus senhores.

E como para tomar nota, desfolhou avidamente o libelo. Passados minutos, começou novamente:

—Merecissimo juiz, sr. delegado, meus senhores.

Tornou a olhar no libelo, e desfolhou-o com tranquillidade.

Assim repetiu varias vezes o principio do discurso, até que o juiz, exaltado, observou:

—V. ex. está-nos fazendo perder um tempo immenso, com as suas *cons* e *descons*. Esta causa é uma causa tão simples de defender, que é desnecessaria tanta suspensão. Seja breve.

O advogado esboça um imperceptivel sorriso e responde:

—V. ex., sr. doutor juiz, aborrecu-se do tempo que levo a fazer o meu discurso de defeza, accusando-me de não pisar do mesmo sitio, e este pobre coreunda não se devia aborrecer com os improperios que lhe eram dirigidos todas as manhãs? Por esta breve exposição, v. ex. poderá avallar de que lado está a razão.

Estas palavras causaram franca gargalhada e boa impressão no publico. O réu foi absolvido.

BAPTISTA LOURENÇO.

Caçador de pernas

REPORTAGENS

sempre fixissimas

Este senhor Gama, de Arganil, que os leitores já conhecem dum cronica publicada neste jornal, foi em tempos empregado superior de uma fabrica de fosforos que havia naquella vila. Mas veio o monopolio dos fosforos, a fabrica acabou, e o senhor Gama, que tinha fatalmente que dar em qualquer coisa, deu nisto: salvador da humanidade... Mas, para isso, era necessario dar-se ares... Vai daí, o senhor Gama deixou crescer o cabelo e a barba, fez um laço côr de rosa na trança daquelle, meteu cartola preta, luzidia, vestiu casaca verde, pegou numas luvas amarelas, numa bengala de pau santo com castão de prata,—e pronto: ficou mesmo um salvador da humanidade, todo liró, todo arco-iris, sim, mas salvador da humanidade dos autenticos, dos verdadeiros, pois então!...

Mas o senhor Gama não ficou pela *toilette*. Possuidor da Verdade, mensageiro de Deus,—ele quiz ir mais longe, quiz subir mais alto!... E como, muitas vezes, para subir, é necessario descer,—ele começou por descer á praça publica, para logo subir a um banco, donde começou arengando á multidão boquiaberta... Pronto, estava feito o salvador da humanidade... de Arganil!...

Que pretenda o senhor Gama, que palavras são as do salvador da humanidade?... Apenas isto: a Paz entre os homens. Para a conseguir, o senhor Gama apresenta e defende um processo que naturalmente é um programa: a guerra, a guerra ao tabaco, ao alcool e — vejam lá!... — ás mulheres...

Mas, como os filosofos não se alimentam de fillofias, o senhor Gama, nos horas vagas, que naturalmente são todas, além de agricultor, é tambem — hoteleiro!... Tem uma barraca de madeira, com mesas e bancos da dita, onde ele proprio serve canja de galinha feita com chibo e barrêgo guizado á espanhola. E, servindo os freguezes, o senhor Gama vai-lhes pregando verdadeiras sermões sobre o tabaco, o alcool, sobre o pecado, sobre a salvacao da alma... Este processo do salvador da humanidade... de Arganil misturando constantemente as suas funções de hoteleiro e de fillosofo, leva-o de vez em quando a preciosas tiradas como esta: Discursando na praça publica e fazendo o réclamo do barrêgo guizado á espanhola, que é a especialidade da sua «Floresta», o senhor Gama proclama, entusiasmado:

—Se se soubesse a maravilhosa qualidade dos barrêgos que na «Floresta» se consomem, vinham comprar-me a pele antes do faiecer daquelles supricitados animal!

Esperto como todos os salvadores da humanidade, o senhor Gama faz assim, simultaneamente, publicidade á carne e ás peles... Isto lhe dá um rendimento que não é muito pequeno, vamos indo, mas que ao profeta e filloso mal chega para comprar casaca verde e laço côr de rosa.

JOTA EME.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Classificação dos órgãos locomotores das mulheres



De Alhoate

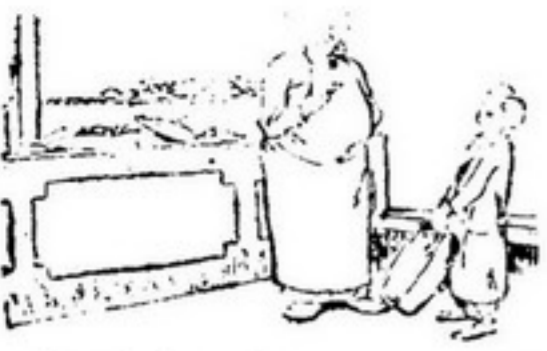
De Bilhar

De Canivete

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



O paião: — Com essa figura, nunca poderás ser um bom paião.
 O rapaz: — Sim, realmente o senhor é que tem a figura dum paião!

Prosa de Cha-Velho

A terceira tourada desta época — apesar do belo dia de sol — não teve nada de belo, a não ser aquele «tercio» de varas do bravo touro quarto, que na colega da manhã descobriu ter o ferro de Campos Velho. Quanto ao resto, os cavaleiros não apresentaram a fama de que se tem e *Arrellar* foi diminuído aquela que costumava ser em tempos de mais entusiasmo. Não pôde o mexicano dar o «tercio» com as dificuldades dos cavalos, e não permitiu a *Arrellar* um bom touro, que a ajudaria na última tourada de Pelota e é o nome de uma das corridas da região que, com tanta honra.

A nota da tarde, a mais triste, foi a da última tourada de Pelota. Muitos jogadores foram mortos e muitos feridos.

Percebi-me muita vontade a ida de Luciano Moreira Junior a Sevilha, com o fim de aprender alguma coisa no berço do touro. Mas, porque em tão pouco tempo se não faz um toureiro, atribuímos à amabilidade do pai *Bienvenida* o certificado de idoneidade que por este foi passado ao nosso paião. E, por assim entendermos, manifestamos nas vésperas da última tourada do Campo Pequeno, o nosso desagrado pelo facto da confirmação de alternativa ser feita com uma desmoldado e não mais bonito que fosse.

Mas, porque também não concordamos com a cruel atitude de parte do público, entendemos que o simpático toureiro deve voltar ao Campo Pequeno em circunstâncias semelhantes à de um colega português, até que, por prova dada à vista e não por atestado, mereça o destaque que seu nobre gesto lhe dá desde já, muito a vontade, mas em prejuizo do novato.

Enfim, para desquite da terceira tourada desta época, eu venho aqui agradecer ao filho de Coruchiana e *El Estudiante*, de estudantes que levaram alguns anos a aprender o que o filho de Luciano está aprendendo num mês.

PEREZ LA CHAISE.



— Isto é que são horas de chegar a casa?
 — É que eu vim todo o caminho a treinar-me para concorrer ao outro campeonato de dança...



— Muito estupidas eram estas mulheres antigas! Suicidavam-se quando os homens as deixavam! Se eu fosse assim, já me tinha suicidado mais de quinhentas vezes!

DESSPORTOS

Lógica e correção no "sport"

A lógica da bola continua a não ter, porém nenhuma. Os critérios de lógica, em relação a este desporto, são os seguintes:

1.º — Não havia ninguém que não afirmasse que o Benfica-Luz de V. não era difícil encontrar, sendo resistentes tanto para se pôde para um lado como para o outro.

2.º — O jogo de futebol, o Benfica teve um belo jogo da de T. L., com o qual nos libelos a brincar a a casa do Teófilo não rás ao mesmo. O jogo foi muito do futebolista, que nem parecia que os directores directos da colónia padaria de Alibonaria.

A exibição de Vilos foi uma vitória para ele, que é um riltoroso. E, no entanto, segundo um jornal da especialidade, ainda há dúvidas no posto de avançado centro para a *equipe* nacional.

Então, onde para a lógica da bola?

Dizemos há tempos que o Fosforos dava mostras de matéria pouco inflamável, o que era caso para causar admiração. Aclaremos agora, por amor à verdade.

O Fosforos, encerrado na *caixa do União*, inflamou-se de tal maneira que nem toda a gente levada pelos jogadores do Casa Pia chegou para apagar o incendio. E, assim, os três pontos da vitória do Casa Pia, prevista antes do jogo, desapareceram no incendio.

O Barreirensis mostrou-se bom predutor: afirmou superioridade sobre as especialidades de Belem.

Os propagandistas do *sport* continuam a afirmar que ele é um clivir de virades e de correção.

CAIXA DE SURPREZAS



Os fosforos lançaram-se á pia e deixaram-na verdadeiramente engasgada...

A retalho

Um estudante enviou-nos um «padre-nosso» de sua inventiva, o qual não deixa de ter graça, salvo opinião em contrario do nosso Fernando Avila:

«Santas férias, que estão longe, santificado seja o vosso tempo: venha a nós o vosso dia, sejam gozadas á nossa vontade, assim em casa como na rua. A alegria cotidiana nos dai depois: perdoai-nos a nossa doideira, assim como nos perdoamos a vossa demora; não nos deixeis cair na tristeza, mas livrai-nos do dia da volta e do meu humor dos professores. Amen.»

Simplicio Aguiar, empregado de comércio sem emprego, farto de estar desempregado, resolve ir para Cascais. No trajeto encontrou um anúncio que dizia da sua existência.

— Vou para Cascais, vou passar, vou ir a Vila no mar...

— É o Paqueté.

— Paqueté sempre em, é por que não se há de ir...

Depois de ter sido vítima de um acidente de bombas, da luz, da iluminação, da entonação, das colunas, da Pádua, dos retalhos de Grandela, da entonação, do caracol, da tra, da tuberculose, da cauda do barrie, e tantas outras coisas e coisas, vieram os dias da cidade das misericórdias, da amabilidade, do bombeiro, do Camião, dos reis magos, do capote, das filhas de Maria ajoelhadas ao pé da cruz, das aldrabices, da lenha da casa, etc., etc.

É uma moda como outra qualquer. Quando chegará o dia de luz?

O sr. Oscar J. Roiz da Silva fez publicar em *O Jornal*, da Madeira, a seguinte declaração:

«Constado-me de que se fez propagar o boato de eu ter pedido em casamento a menina Matilde de Sousa, e a fim de evitar mal-entendidos, declaro publicamente ser falsa tal asserção, muito embora a dita menina manifestasse por vezes esse desejo, ao que recusei sistematicamente, em virtude de não simpatizar com a sua condrencia.»

Oscar J. Roiz da Silva

É saber a gente que se levanta um paião muito cedo... O Amélia...

Chama-se Rosa

Colocou Maria-luís o pai há pouco no hospital, e tem a mal entredada. É trigueira, vende flores e envolve o magro corpinho em chita de remendada.

Um carcereiro de Grandela, com olhos á Greta Garbo, diz-lhe que a quer despejar. E ela, ao ouvi-lo, acredita que aquilo é tudo sincero e põe-se a olhar, a olhar...

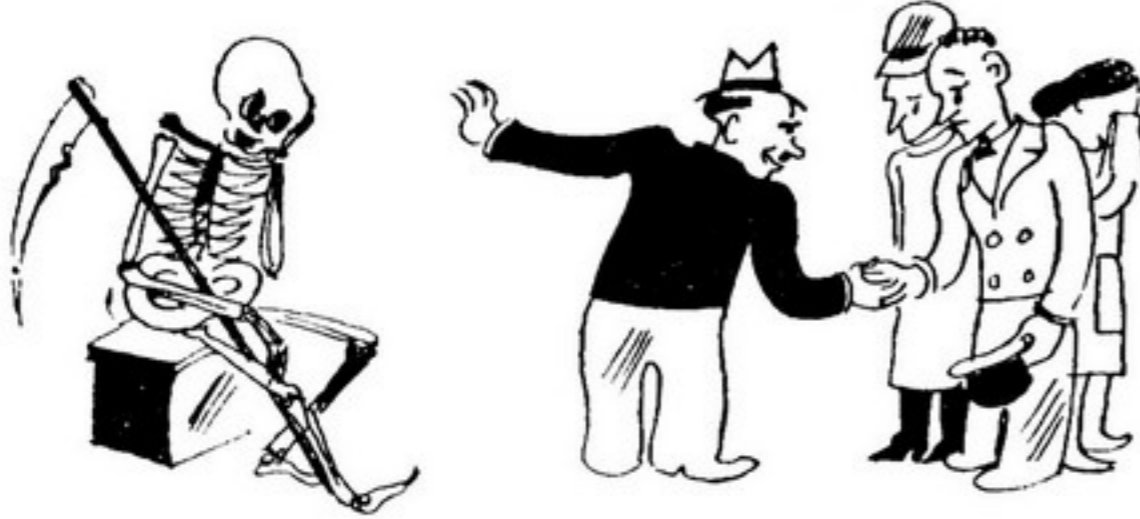
De tanto olhar, entortou o olho esquerdo. E ha quem diga que entorta o direito ás vezes. P'ra entortiar qualquer coisa que fique torta e bem torta, —ninguém como os portugueses.

Mesmo o famoso *Endreita*, a quem tanta gente vai, é uma *fta* acreditada; neste país de pevides, de capilé, e de pires, —ninguém *endreita* nada.

LUIZ ILARIO.

ECOS DA SEMANA

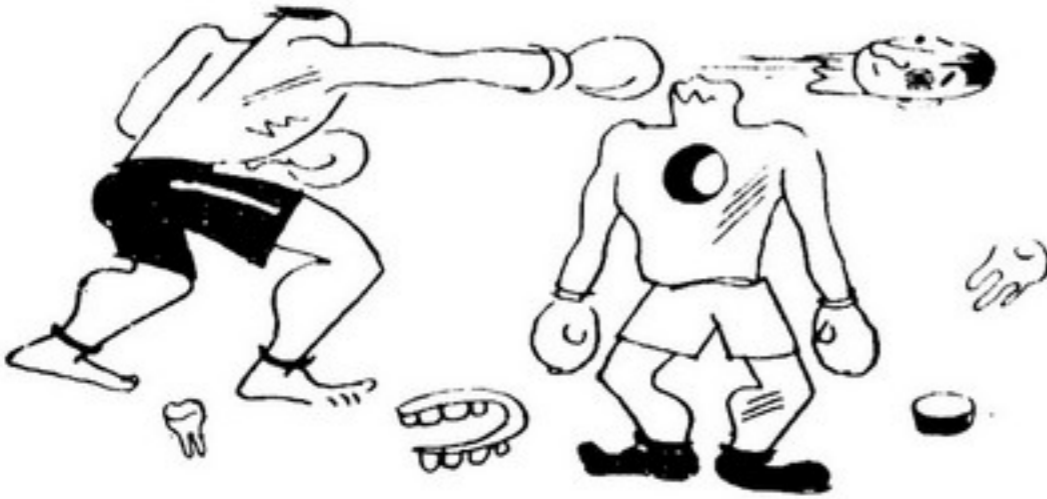
UM CORROIENSE CORROÍDO PELA VIDA, ANDOU DESPEDINDO-SE DOS AMIGOS, AINDA COM UM GRANDE SANGUE QUENTE, ALEGANDO QUE TINHA A MORTE A ESPERA



O CASSADO ERA BEM CAÇADO MAS O LHEM QUE, COM FRANQUEZA OFRANCO, PIANISTA, AINDA O ERA MAIS



FORAM DE UM DOLOROSO INDISCRITIVÉL OS COMBATES DE TROLMA NO COLISEU. BREVEMENTE COMBATES DE BOX



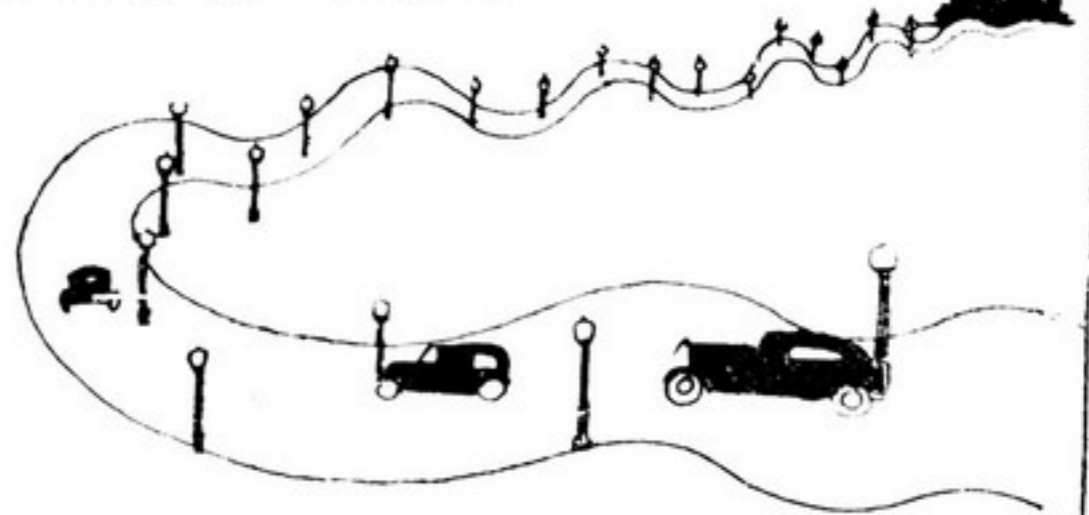
COM O FILHO DE LUCIANO MAIS UMA VEZ SE PROVOU QUE.. AO MENINO E AO BORRACHO.



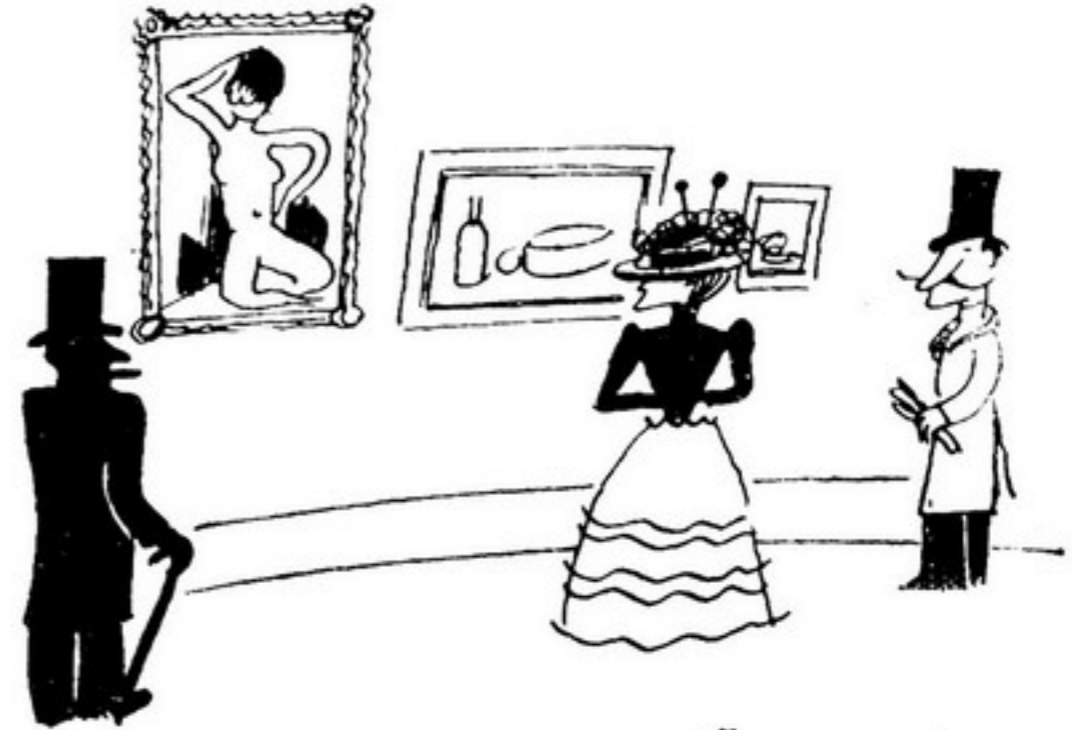
BREVEMENTE CONCERTO LIMA CRUZ E EXPOSIÇÃO LIMA CRUZ, PARA O QUE SE ESTÃO DANDO AS ULTIMAS LIMADÉLAS... E SO DELAS...



PARA MAIOR VENERAÇÃO FOI RESOLVIDO QUE A AVENIDA NUNO ALVARES YA DA AVENIDA 24 DE JULHO. DIREITINHA A ALJUBARRÓTA PELINTRA



AINDA SE NÃO SABE BEM, DUM MODO GERAL, SE O "SALON" DESTE ANO OU DE 1899 VAI AVERIGUAR-SE



NÃO FALTARA QUE A VIBORA, AGORA DOMINADA, COMECE A LANÇAR VENENO.

